

PELOS CAMINHOS DE AMÁLIA: DO ANTIGO NORTE GOIANO À CAPITAL DO ESTADO DE GOIÁS

■ RITA CASTORINA GONÇALVES GUNDIM LEMES

 <https://orcid.org/0000-0002-3414-776X>

Universidade Estadual de Goiás

■ MARIA DE FÁTIMA OLIVEIRA

 <https://orcid.org/0000-0002-9519-8093>

Universidade Estadual de Goiás

■ JÚLIO CEZAR MILHOMENS PEREIRA

 <https://orcid.org/0000-0001-5298-6359>

Universidade Estadual de Goiás

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo compreender como foi a atuação de Amália Hermano Teixeira – mulher tocantinense/goiana – em diversas áreas do conhecimento. A investigação pautou-se na análise de seu acervo pessoal – que se encontra no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) – além de suas publicações em forma de artigos em revistas científicas, livros autorais, e ainda, por meio da produção bibliográfica sobre ela. A fundamentação teórica baseou-se na História Cultural, com vistas a um melhor entendimento sobre a participação do indivíduo como agente histórico. Os resultados apontam que Amália foi uma personalidade que se destacou em diversos setores do conhecimento, com atuação na docência, no jornalismo, na advocacia e na botânica. Amália conseguiu dar visibilidade à flora cerratense, especialmente às orquídeas, e como colecionadora e amante da natureza, promoveu e participou de eventos, publicando diversos trabalhos com a finalidade de divulgar os seus conhecimentos sobre educação, clubes agrícolas, natureza e sobre as orquídeas.

Palavras-chave: Amália Hermano Teixeira. História Regional. Biografia.

ABSTRACT

THROUGH AMÁLIA'S ROADS: FROM THE OLD NORTH OF GOIÁS TO THE CAPITAL OF THE STATE OF GOIÁS

This article aims to understand how Amália Hermano Teixeira – a woman from Tocantins/Goiana – performed in different areas of

knowledge. The investigation was based on the analysis of his personal collection – which is at the Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) – in addition to his publications in the form of articles in scientific journals, authorial books, and also, through the bibliographical production on she. The theoretical foundation was based on Cultural History, with a view to a better understanding of the individual's participation as a historical agent. The results indicate that Amália was a personality who stood out in several sectors of knowledge, working in teaching, journalism, law and botany. Amália managed to give visibility to the flora of Cerrado, especially orchids, and as a collector and lover of nature, she promoted and participated in events, publishing several works with the purpose of disseminating her knowledge about education, agricultural clubs, nature and about orchids.

Keywords: Amália Hermano Teixeira. Regional History. Biography

RESUMEN

POR LOS CAMINOS DE AMÁLIA: DEL NORTE VIEJO DE GOIÁS A LA CAPITAL DEL ESTADO DE GOIÁS

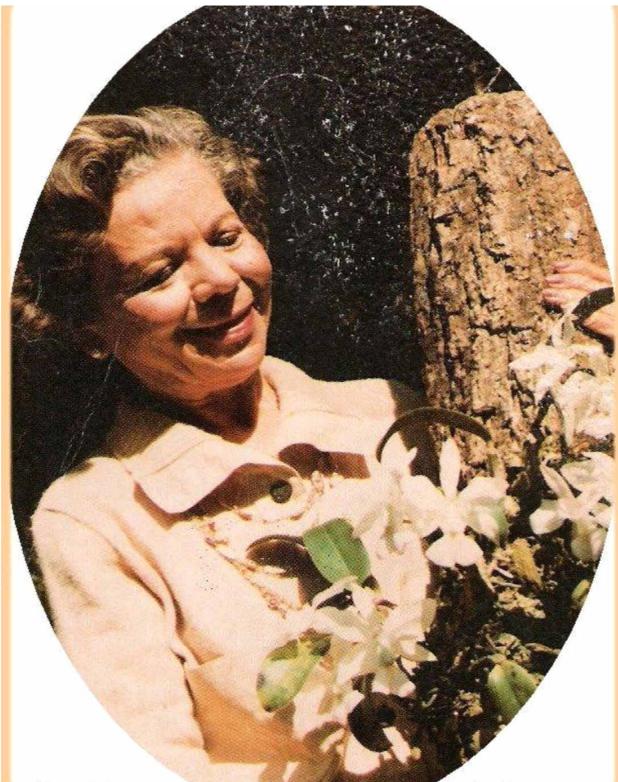
Este artículo tiene como objetivo comprender cómo Amália Hermano Teixeira – mujer de Tocantins/Goiana – se desempeñó en diferentes áreas del conocimiento. La investigación se basó en el análisis de su acervo personal – que se encuentra en el Instituto Histórico y Geográfico de Goiás (IHGG) – además de sus publicaciones en forma de artículos en revistas científicas, libros de autor, y también, a través de la producción bibliográfica en ella. La fundamentación teórica se basó en la Historia Cultural, con miras a una mejor comprensión de la participación del individuo como agente histórico. Los resultados indican que Amália fue una personalidad que se destacó en varios sectores del conocimiento, actuando en la docencia, el periodismo, el derecho y la botánica. Amália logró dar visibilidad a la flora del Cerrado, especialmente a las orquídeas, y como coleccionista y amante de la naturaleza, promovió y participó de eventos, publicando varios trabajos con el objetivo de difundir sus conocimientos sobre educación, clubes agrícolas, naturaleza y sobre orquídeas.

Palabras clave: Amalia Hermano Teixeira. Historia Comarcal. Biografía.

Introdução

Neste artigo, “trazemos uma apresentação da vida de Amália Hermano Teixeira, compreendendo os caminhos que ela percorreu”, bem como sua influência política e cultural. Nesse sentido, falar sobre ela é, de certo modo, estabelecer uma referência ao ser humano que existiu em um espaço e em uma determinada temporalidade. A partir dessa perspectiva, torna-se necessário apresentar alguns dos principais fatores e aspectos que desvelam sua existência.

Figura 1 – Amália Hermano Teixeira (1916-1991)



Fonte: Colégio Estadual Amália Hermano Teixeira (2007).¹

O nome Amália, segundo Curado (2016, [19 p.]), é “[...] de origem germânica e significa trabalhadora, diligente, ativa, ou seja, este nome simboliza as características de uma mulher batalhadora, esforçada, cuidadosa e que está

¹ Nota: Amália no jardim da frente em sua residência em Goiânia ao lado de suas orquídeas. “No jardim da frente, ficavam as rosas e plantas brancas” (MARTINS, 2018, p. 146).

sempre atenta em tudo que faz”. E, completa Curado (2016, [19 p.]): “[...] nada mais singular que este nome para uma mulher como Amália Hermano Teixeira”. De antemão, pode-se salientar que o seu pensamento, manifestado em suas múltiplas atuações e em múltiplos cenários, contribuiu para que se destacasse por seu pioneirismo em muitos campos.

As redes de interações sociais tecidas por Amália foram muito importantes durante sua vida e a intenção é mostrar as interações de amigas de Amália, pois sabe-se que ela conheceu e conviveu com importantes intelectuais que atuaram naquele período no estado de Goiás. Algumas de suas amigas ultrapassaram as configurações amistosas, mas configuraram convenientes e relevantes do ponto de vista histórico e denotam a mencionada rede de interações sociais, às quais a própria autora atribui grande valor.

É notório que Amália, no transcorrer de sua trajetória e nos espaços que ocupou, de alguma maneira desenvolveu atividades e teceu uma significativa rede de interações. Desse modo, torna-se oportuno considerar algumas delas, principalmente as pessoas que tiveram convivência mais próxima com Amália, sejam por afinidade política, por amizade ou por conveniência do cargo que ocupava, pois suas atividades intelectuais, institucionais e sociais contribuíram para a sua identidade tanto pessoal quanto profissional. Além de refletir sobre a experiência social de Amália, evidencia a experiência de outras mulheres e as suas intersecções, principalmente, no mercado de trabalho. Partindo dessa perspectiva, utilizou-se o conceito de capital social de Pierre Bourdieu (2001, p. 67).

Capital Social é o conjunto de recursos atuais e potenciais que estão associados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento ou, em outros termos, à

vinculação a um grupo cujo conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis.

Bourdieu (2001) enfatiza as relações que possibilitam a “[...] constituição de redes relacionais duráveis” por possibilitar a “[...] acumulação de um capital de caráter não econômico, porém utilizável como tal, destinado à acumulação e à reprodução social” (BOURDIEU, 2001, p. 68). Esse conceito visa explicar resultados sociais constituídos por diferentes indivíduos que estão dentro do pertencimento de certo grupo social.

1.1 Natividade, a Revolta do Duro e a influência da família Hermano

Ao se ater aos seus escritos e por meio de textos de outros autores que com ela conviveram, é possível conhecer um pouco sobre Amália José Hermano (seu nome de solteira) e sua família. Filha de Manoel José Hermano e Archângela Pereira Hermano, ela nasceu em 23 de setembro de 1916, em “Matões, município de Natividade”, na antiga região norte do estado de Goiás, que hoje corresponde ao estado do Tocantins (TEIXEIRA, 1993, p. 328). Cabe destacar que a concretização do desmembramento do estado do Tocantins e do estado de Goiás só ocorreu com a Constituição de 1988 e somente “[...] no dia 1º de janeiro de 1989 foi instalado o Estado do Tocantins” (BRASIL, [2022?], p. 1). Amália viveu até a idade de 75 anos e faleceu “[...] vítima de um derrame cerebral” em Goiânia no dia 28 de abril de 1991, cidade em que viveu durante a maior parte de sua vida, desempenhando variadas funções (CARAUTA, 1991, p. 79).

O nome dado à sua cidade natal, Natividade, é uma referência à manifestação da reli-

giosidade católica vivenciada devido à herança colonial portuguesa, que buscou fazer uma homenagem a Nossa Senhora da Natividade, que também é santa padroeira do município. Assim, Natividade, graças à sua produção mineral notavelmente próspera, inicialmente um pequeno arraial no século XVIII, demarcado historicamente no Brasil com o período de grandes movimentos e momentos no que diz respeito à economia colonial pautada na mineração, veio a se consolidar como uma das comunidades mais importantes do antigo norte goiano, mesmo diante do acentuado isolamento com relação ao sul da província (PALACÍN, 1994; MESSIAS, 2010).

Nessa terra onde nasceu Amália Hermano, segundo Vieira (2014, p. 65), “[...] com a exploração dos arraiais auríferos de Natividade, Trayras, São José, Pontal, Porto Real, Arraias, Cavalcante, Flores e Conceição, encontrados entre 1730 e 1740, começou o processo de ocupação populacional e desenvolvimento econômico do norte goiano”. Essa circunstância demonstra que a cidade, originalmente um arraial ou vila teve seu desenvolvimento urbano iniciado e consolidado pelo ciclo do ouro na capitania goiana. Diante disso, cabe lembrar que Natividade era o maior produtor de ouro no norte goiano durante o século XVIII.

Ao se observar a Figura 2, é perceptível que na década de 1920, período que sucede o nascimento de Amália no ano de 1916, o estado de Goiás era maior do que na atualidade. No mapa da Figura 2, Natividade apresentase como cidade (mantendo-se até a presente data) e o Duro (atual cidade de Dianópolis), à direita, como Vila. De acordo com o mapa, Natividade está localizada entre os graus 3 e 4 oeste e entre os graus 11 e 12 sul. Em relação à distância, conforme o Mapa Rodoviário do Tocantins (2020), Natividade localiza-se a 183.47 km, em se tratando de linha reta, e 233 km em

É relevante apontar que a região em que Amália Hermano Teixeira nasceu e viveu por alguns anos enfrentava por longa data o des-caso e a ausência de políticas específicas para o seu desenvolvimento (CAVALCANTE, 2003; VIEIRA, 2014).

Conforme apontam Palacín e Moraes (1989, p. 46), “[...] no norte [de Goiás], o quadro de abandono, despovoamento, pobreza e miséria foi descrito por muitos viajantes que passaram pela região nas primeiras décadas do século XIX”, e observava-se um desinteresse do país de maneira geral devido haver “esfriado” o atrativo existente no período da mineração. A realidade do norte goiano só começa a ser transformada com a criação do novo estado, Tocantins, em 1988. Antes, prevalecia a concepção de que o norte estava relegado ao des-caso em detrimento ao sul, isso era amparado e justificado devido à notável escassez de recursos e políticas públicas. Assim, conforme aponta Cavalcante (2003), observa-se a construção de um ideário separatista.

De acordo com Vieira (2014), em consonância com Cavalcante (2003), autora pioneira em estudos sobre o discurso mudancista, o separatismo foi evidenciado pela construção de Goiânia a partir do ano de 1933, entretanto, não é fenômeno social que nasce propriamente no século XX, pois suas raízes remontam ao século anterior. A mudança da capital, para a autora, reforçava uma noção da necessidade das populações do norte e das diferenças sociais e da aplicação da governabilidade pública.

Sabe-se que a família de Amália era proprietária de terras e depreende-se que, pelas idas ao sul em busca de formação, a família possuía recursos suficientes para custear os estudos (VIEIRA, 2014). No entanto, um importante fato histórico influenciou a permanência da família na região. A Chacina do Duro, também conhecida por Chacina dos Nove ou

Revolta do Duro, que aconteceu entre dezembro de 1918 e janeiro de 1919, na cidade de São José do Duro, que atualmente pertence ao município de Dianópolis (TO), foi um exemplo de combate ao coronelismo pelo Estado. Esse acontecimento foi romanceado por Bernardo Élis em *O tronco* e levado às telas de cinema.

Esse fato histórico, que influenciou a família Hermano, está descrito no livro *“Perfis: pessoas que marcaram minha vida”* (1993). Na referida obra, Amália Hermano utiliza-se de uma entrevista com seu pai, Sr. Manduca, para detalhar a influência da Chacina do Duro na vida de sua família: “[...] Depois do barulho do Duro, deixando nossas propriedades, nosso gado, em dois sofridos meses nas estradas em lombo de animais, afinal, numa tarde de louca ventania, o pó vermelho e fino em redemoinhos pelos ares, chegamos a Curalinho [...]” (TEIXEIRA, 1993, p. 237).

Foi nesse contexto que Amália Hermano acompanhada de seus pais se viram obrigados a fugir para o sul do estado. Nessa época, ela estava com três anos. Segundo Curado (2016, [19 p.]), “[...] os motivos desta viagem repentina podem ser justificados pelas sangrentas disputas [...] que levaram [inclusive] a óbitos parentes próximos a Amália”. Ponto que pode ser confirmado por Teixeira (1993, p. 328). Como se nota, a família Hermano foi fugitiva direta da Revolta do Duro. A referida tragédia “[...] abalou São José do Ouro, depois São José do Duro e, mais tarde, Dianópolis [...], como foi destacado no romance *O tronco*, de Bernardo Élis” (CURADO, 2016, [19 p.]).

O contexto de terror contribuiu para que a família Hermano e muitas outras famílias fugissem do local, como é relatado também pela literatura. Segundo consta na obra de Élis (1979, p. 267), no momento do ataque do coronel Abílio Wolney, a maioria dos “[...] defuntos eram vaqueiros [...], pois foram embebedados e tangidos na frente pelos jagunços, que vi-

nham atrás os ameaçando”. E não foram só vaqueiros, jagunços e soldados mortos, “muitos [...] familiares dos moradores [foram] chacinados na antiga Vila”, conforme aponta Silva (2017, p. 179).

Foi assim que a família Hermano, temendo represálias, deixou a região da cidade natal em direção a Curralinho, hoje Itaberáí (GO). No novo local, Amália começa sua vida escolar e recebe os primeiros ensinamentos de sua tia e madrinha Maria Cazuzza Hermano, conhecida na região como “Mestra Cazuzza, professora municipal, e mariquinha, sua auxiliar” (TEIXEIRA, 1993, p. 237). Conforme Amália, elas “[davam] lições numa comprida sala em nossa casa em frente à igreja de Nossa Senhora

da Abadia, na principal praça” (TEIXEIRA, 1993, p. 237). Nas fontes analisadas não foi possível detectar qual o motivo da mudança da família dessa localidade para a Cidade de Goiás, a antiga Vila Boa.

1.2 Entre a Serra Dourada e o rio vermelho: Amália na Cidade de Goiás

A família de Amália Hermano mudou-se para a antiga capital do estado, Cidade de Goiás. No novo local de moradia da família, a fonte de renda era a Pensão Manduca, de propriedade dos pais de Amália, Archângela Pereira Hermano e Manoel José Hermano.

Figura 3 – Hóspedes e proprietários em frente à Pensão Manduca



Fonte: acervo de Rosinha Hermano.

Legenda: 1 – Maximiano da Matta Teixeira; 2 – Deputado João D’ Abreu 3 – Escritor José Lopes Rodrigues; 4 – Poeta José Dêcio Filho; 5 – Desembargador Rivadávia Licínio de Miranda; 6 – Deputado João Baptista de Abreu Cordeiro; 7 – Manoel José Hermano (Manduca); 8 – Professora Amália Hermano Teixeira (filha do casal Mandunca e Archângela); 9 – Rosinha Hermano (irmã de Amália); 10 – Archângela Pereira Hermano.

Como se pode notar, o nome da pensão era em referência ao apelido do pai de Amália. Era

localizada na Rua 55, no Largo do Moreira, na Cidade de Goiás. É importante destacar a pensão,

pois esta teve sua inauguração no final de 1920, quando Amália tinha quatro anos. A pensão durou até 1937 quando se mudam para a nova capital do estado, Goiânia (CURADO, 2016, [19 p.]).

A Pensão Manduca, segundo Curado (2016, [19 p.]), era uma “[...] espécie de consulado da gente do norte de Goiás”, assim Amália pode conhecer e conviver com alguns hóspedes, como: João Baptista de Abreu Cordeiro, advogado e deputado estadual por Goiás; João Baptista de Abreu Cordeiro, membro da Academia Goiana de Letras e do IHGG.

As mudanças de uma localidade para a outra interferiram nos estudos de Amália Hermano, pois o ambiente em que a pessoa está inserida afeta o comportamento, assim como o comportamento também afeta o ambiente. De acordo com Curado (2016, [19 p.]), na cidade de Goiás, Amália Hermano “[...] fez o curso primário no Grupo Escolar: 1926-1928, com a dedicada mestra Emília Perillo Argenta”.

O ensino secundário de Amália Hermano foi realizado no Lyceu de Goiás, este que foi fundado em junho de 1846, na cidade de Goiás, pela Lei Estadual nº 9, e permaneceu como a única instituição de Ensino Secundário em Goiás, até 1929. Seus estudos nessa instituição correspondem entre os anos de 1930 e 1934. Ela diplomou-se pela Escola Normal Oficial do estado de Goiás em 1935, conforme Curado (2016, [19 p.]) “[...] assim Amália tinha o conhecimento técnico e também o didático”.

A Cidade de Goiás permitiu que Amália conhecesse diversos intelectuais de sua época. Na “[...] obra póstuma [que foi] organizada pela família [...] sob a supervisão de Jandira Hermano – sua irmã e amiga mais próxima –, Amália Hermano focaliza 53 nomes que de perto ou mesmo a distância influenciaram sua história, como Bernardo Élis e o professor Alcide Celso Ramos Jubé”. Tal livro se compõe por narrativas históricas (TEIXEIRA, 1993).

Outro importante nome presente no livro

Perfis: pessoas que marcaram minha vida, de Amália, é o de seu “[...] mestre de francês no tradicional Lyceu de Goyaz”, que, nas palavras de Amália, foi um “[...] educador ilustrado e seguro, poliglota, poeta, jornalista, o professor Alfredo de Faria Castro. Ela destaca que foi ele quem “[...] sugeriu o nome Goiânia para a nova capital [do] Estado” (TEIXEIRA, 1993, p. 21).

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, mais conhecida como Cora Coralina – Cora, nome adotado aos 50 anos, nasceu em 1889 na Cidade de Goiás. Amália a conheceu por meio do *Anuário Histórico e Geográfico de Goiás*, publicado em 1910, do professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Amália leu “[...] na parte literária” que a então “Cora Coralina, uma jovem de menos de 20 anos, [estava] entre os intelectuais da terra goiana” (TEIXEIRA, 1993, p. 43). Entretanto, as duas intelectuais se conheceram pessoalmente em Goiânia somente no ano de 1956, “[...] quando Cora Coralina, deixando São Paulo, busca sua terra natal”. Esse encontro Amália chama de “memorável” (TEIXEIRA, 1993, p. 44).

Amália conta que Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas “[...] deixou de fazer doces” e tornou-se Cora Coralina “[...] para fazer poemas” (TEIXEIRA, 1993, p. 44). Segundo Amália, eram frequentes os encontros com Cora Coralina e em um desses ela contou-lhe sobre dois dos antigos proprietários da “[...] velha casa da ponte” (TEIXEIRA, 1993, p. 46) e noutro contou-lhe sobre a escolha do pseudônimo: “Em Goiás havia muitas Anas [...]. Não queria que nenhuma Ana mais bonita levasse as glórias da minha poesia. Cora vem do coração. Coralina é um coração vermelho. Minha intenção não era ter xará” (TEIXEIRA, 1993, p. 44).

Amália vai finalizando o seu texto dizendo que Cora Coralina é um “[...] espírito jovem, [...] prosadora e poetisa goiana tão querida” e finaliza agradecendo a Cora “[...] as sementes que recebera de presente dela” (TEIXEIRA, 1993, p. 47). De acordo com Martins (2018, p. 89), nessa

época, Amália já possuía vínculo com a Universidade Federal de Goiás (UFG). Assim, conseguiu “junto ao Departamento de Publicações [...] apoio financeiro para que Cora [Coralina] publicasse um livro”. A autora completa que a relação entre Amália e Cora Coralina deram “[...] bons frutos, pois desde então Cora Coralina, apoiada em suas próprias qualidades e a outros auxílios, tornou-se reconhecida nacionalmente”.

A Cidade de Goiás foi um celeiro de boas relações para Amália. Ela teve também sua vida marcada por Claro Augusto de Godoy. Amália o descreve como sendo “[...] figura exponencial na política, no magistério superior, na advocacia, no jornalismo, nos estudos históricos e genealógicos”. E continua, “[...] o doutor Claro impressiona pela inteligência, cultura, fina educação, simpatia, modéstia e capacidade de servir” (TEIXEIRA, 1993, p. 94). Não podendo sair para cursar direito noutra cidade, ele foi um dos responsáveis pela “[...] campanha séria pela criação de uma faculdade de direito, [empreitada que obteve êxito] em 1º de julho de 1916 [com a instalação] na então capital, a Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais” (TEIXEIRA, 1993, p. 95).

Além dos destacados personagens acima, foram muitas outras pessoas cultas que Amália conheceu na Cidade de Goiás e que influenciaram sua vida (TEIXEIRA, 1993). Percebe-se, a partir das descrições supramencionadas, que o meio no qual vivia Amália era um contexto social importante na Cidade de Goiás. Uma cidade singular, de passado glorioso, de grande valor histórico, cultural e de tradições importantes para o lugar e, inclusive, para a compreensão da própria história de Goiás.

Amália estava, por um lado, rodeada de pessoas (parentes, amigos, políticos, artistas, folcloristas, escritores etc.) que constituíam seu contexto institucional (ligados à sua atuação profissional) e social e/ou cultural (relações de convívio) de alto nível intelectual. Essa rede de

contatos, nas palavras de Martins (2018, p. 80), se “[...] configuraram convenientes e importantes relações sociais” que de forma direta ou indireta proporcionou à Amália estímulo para sua ascendente e brilhante trajetória. Por outro lado, Amália vivia num lugar onde a cultura fervilhava como, por exemplo, festas e procissões, os quais podemos chamar de patrimônio em movimento (TAMASO, 2011). E assim marcou Amália sua participação em “eventos sociais, políticos, [...] acadêmicos [e culturais]” (MARTINS, 2018, p. 84, 85, 89, 105; Cf. TEIXEIRA, 1993).

Os pais de Amália “[...] apostaram na educação [da filha] como condição de mudança de status social” (MARTINS, 2018, p. 100). Sobre os tempos de escola, Curado (2016, [19 p.]) relata que Amália cursou o “[...] primário no Grupo Escolar [entre os anos de 1926 a 1928] com a mestra Emília Perillo Argenta”, mais tarde o secundário no Lyceu de Goiaz entre os anos de 1930 a 1934, e, no ano seguinte, em 1935, pela Escola Normal de Goyaz, tornou-se Normalista. Por conta da obra *Reencontro*, publicada em 1981 por Amália, discorreremos com mais afinco sobre o Lyceu de Goiaz. Segundo nos conta a própria autora,

A turma de 1934, do Lyceu de Goyaz, [era] constituída por 36 bacharéis, destes, seis mulheres, [...]. Depois de cinco anos de acurados estudos, iniciados em 1930, no dia 30 de dezembro de 1934, [os] jovens chegaram ao fim da jornada secundária, orientados por competentes mestres, preocupados não só em transmitir conhecimentos, sobretudo com perfeita formação moral de seus discípulos. (TEIXEIRA, 1981, p. 7).

Depois da formação, muitos, conforme Amália, deixam Goiás em busca de continuar seus estudos no ensino superior. Seguem “[...] enfrentando a dura luta pela vida”. Entretanto, conforme pontua Amália, “[...] os elos não se rompem, a amizade perdura” (TEIXEIRA, 1981, p. 8). Amália revive o passado e tece no texto da obra homenagens aos antigos companhei-

ros dos bancos escolares, professores, além do inspetor e paraninfo, bem como discorre sobre alguns relatos e recordações e finaliza apresentando traços históricos do Lyceu de Goiaz.

Amália reverencia sua escola e chama de “[...] ilustres e preclaros docentes” (TEIXEIRA, 1981, p. 27) os seus mestres de outrora. Dos muitos mestres homenageados na obra *Reencontro*, citamos alguns, como, por exemplo, o professor de Português, Constâncio Gomes de Oliveira, o professor de Latim, Desor Vicente Miguel da Silva Abreu, e o professor de Francês, Henrique Alfredo Péclat.

Além dos mencionados não posso omitir os nomes daqueles que foram meus mestres e, posteriormente, muitos deles, *meus colegas de*

cátedra. Nessas citas ocupam lugar de primeira plana os seguintes: o professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, que dedicou toda sua vida ao ensino. Professor de matemática (TEIXEIRA, 1981, p. 27, grifo nosso).

Ela também recorda os fiscais de ensino, o chefe de disciplina e outros nomes que foram marcantes no ambiente escolar. Observando as duas obras de Amália – *Perfis* (1993) e *Reencontro* (1981) – pode-se notar, a partir dos perfis dos colegas e na própria trajetória de vida profissional dela, o diferencial que um ensino sério, comprometido com o sujeito e seu meio pode fazer na vida dos estudantes. E, como destacado, ela teve o privilégio de estar nessa tão nobre profissão, tendo muitos de seus professores como “[...] colegas de cátedra”.

Figura 4 – Os quartanistas do Lyceu de Goyaz que se diplomaram em 1934



Fonte: Teixeira (1981, p. 125).

Nota: [...] à frente o professor Venerando de Freitas Borges, são vistos na primeira fila: Amália José Hermano, Nazareno Paranhos, Dorival de Moraes, João Batista de Souza (falecido); na segunda fila: Joaquim Cid de Moraes, Celso Fleury Curado, Petrônio Rios Fonseca, João Ala Filho (falecido), Nacim Elias Tomé (falecido), Tancredo Félix de Souza; na terceira fila: Levy Paranhos, Wilson Natal e Silva, José de Moraes, Sebastião Pinto Vieira, Túlio de Paula Azeredo Bastos (falecido), Djanir Caldas; na quarta fila: Sebastião Dante Camargo, Domingos Leite Santana, Luiz Gonzaga de Amorim (falecido); ao alto: Leonel da Rocha Lima. Aparecem ainda, na foto, Ubiratan de Alencastro, Artur Macedo, Clodoveu Alves de Castro, Roberto Esselin e Adventor Martins.

O livro *Reencontro* (1981) é fruto da comemoração do aniversário de 46 anos de formatura “[...] de uma das mais numerosas turmas do tradicional Lyceu de Goyaz – a de 1934²” (TEIXEIRA, 1981, p. 122). Ela completa, num capítulo específico que aborda aspectos históricos do Lyceu de Goyaz, que por essa instituição de ensino “[...] passaram quase todos os goianos ilustres, de um século para cá: professores, escritores, médicos, cientistas, políticos, administradores, poetas, artistas, magistrados, advogados” (TEIXEIRA, 1981, p. 131). Esses perfis dos antigos estudantes reforçam o quão foi significativo a qualidade do ensino do Lyceu de Goyaz e a importância dessa instituição para a trajetória de Amália.

Em 1936, Amália Hermano realizou o Curso de Extensão Normal Rural na Universidade Rural Brasileira, no Rio de Janeiro. Em relação a esse fato, Curado (2016, [19 p.]) aponta que:

Em 1936 foi escolhida por seus mestres para ir ao Rio de Janeiro, onde, se submetendo a rigoroso teste, frequentou o Curso de Extensão Rural, em grau universitário, promovido pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (SAAT). Recebendo lições dos mais eminentes mestres adeptos da filosofia torreana, voltou para Goiás, encetando campanha pela implantação dos Clubes Agrícolas nas escolas, visando despertar nas crianças e jovens o amor à terra e à natureza; o que iniciou em Trindade, com o apoio de Nila Chaves Roriz de Almeida como ‘Clube Agrícola Constantino Xavier’, do Grupo Escolar João Pessoa (CURADO, 2016, [19 p.]).

Seus pais, paralelamente ao funcionamento da Pensão Manduca e da República Tocantinaragua, empreenderam também uma confeitaria até 1937, quando a família mudou para Goiânia. Nesse mesmo ano, em 1º de fevereiro, Amália Hermano casou-se com o advogado Maximiano da Matta Teixeira e, após

o matrimônio, recebeu do marido o sobrenome Teixeira e mudou-se para Goiânia (BORGES R., 2011, [6 p.]). De acordo com a pesquisa de Curado (2016, p. 307), “[...] dessa união não teve filhos”.

Outros importantes episódios ocorreram na vida de Amália no referido ano, a saber: trabalhou com Joaquim Câmara Filho que era diretor do Departamento Estadual de Propaganda e Expansão Econômica (Depee); instalou com o agrônomo Manoel Alves de Almeida a Escola Profissional de Rio Verde; estava envolvida com o Ensino Rural em Goiás, sendo, portanto, pioneira; chefiou o Serviço de Clubes Agrícolas Escolares; dentre tantos outros que foram delineados neste estudo. Esses diversos episódios, conforme Curado (2016, [19 p.]), acentuam que Amália era uma pessoa de “[...] múltiplas atividades culturais”, incansável.

Amália conta na obra *Perfis* que Maximiano da Matta Teixeira nasceu em Natividade, localizada no antigo norte de Goiás, atual Tocantins, e era chamado de “[...] Maci ou Macinho” e que ele “aprendeu a ler, escrever e contar [...] na escola primária do [...] médico Manoel Avelino Santana, mais tarde com mestre Belmiro, depois da aula do professor Zacarias Nunes da Silveira” (TEIXEIRA, 1993, p. 259). Amália acrescenta que ele “[...] cresceu tomando banho no córrego Praia [...]”; “[...] andou matos e colher [os frutos da terra]”; “[...] participou dos [festejos locais], folias, bailes [...]”; “aprendeu cedo a amar as plantas, as flores, os bichos” (TEIXEIRA, 1993, p. 259); “conviveu com artífices [...] e aprendizas”; e “admirou músicos” (TEIXEIRA, 1993, p. 260). De acordo com Curado (2016, [19 p.]), ele “diplomou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Goiás, em 1944”. Entretanto, Teixeira (1993, p. 261) descreve que seu esposo “bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito [...] no ano de 1936”.

Sobre a trajetória profissional do esposo Maximiano da Matta Teixeira, Amália a des-

2 Cabe destacar que a ideia do reencontro e comemoração partiu de Leonel da Rocha Lima (então coronel-engenheiro Químico [reserva], assessor técnico da Companhia Nacional de Alcalis, Rio de Janeiro).

creve sendo uma “carreira vitoriosa [...] como jornalista, funcionário público, advogado, magistrado, escritor” (TEIXEIRA, 1993, p. 261). Ele foi “[...] eleito conselheiro da OAB para o biênio 1943-1945 ocupando o cargo de vice-presidência” e “no biênio seguinte [foi eleito] como presidente” (TEIXEIRA, 1993, p. 262). Maximiano, foi “[...] nomeado desembargador do Tribunal de Apelação a 10 de março de 1946”, e “lecionou na Faculdade de Direito de Goiás as cadeiras de introdução à Ciência de Direito e Economia política” (TEIXEIRA, 1993, p. 262).

E, após “30 anos de serviços públicos, a 08 de junho de 1961, com apenas 51 anos de idade, aposenta-se voluntariamente, como membro do Tribunal de Justiça de Goiás [...]” e depois entrega-se, dentre outras coisas, à cultivar orquídeas com sua esposa, e por isso, “[...] torna-se membro da Sociedade Botânica do Brasil”, passando a comparecer nos “[...] congressos científicos” (TEIXEIRA, 1993, p. 262) juntamente com Amália. Maximiano Teixeira faleceu, conforme Amália, “mansamente na tarde de 06 de agosto” e foi sepultado na capital Goiânia no ano de 1984.

Após a morte do esposo, Amália escreveu o livro *Dois anos sem Maximiano* (1986), em que reúne fotografias e cartas. Para Martins (2018, p. 107), “[...] a história intelectual de Amália Hermano Teixeira não pode ser desagarrada da história de Maximiano da Matta Teixeira”, pois “[...] na biografia de Maximiano existe indícios para a construção da biografia de Amália”.

Semelhante ao companheiro com quem foi casada por quase cinco décadas, Amália também foi egressa do curso de Ciências Jurídicas e Sociais pela mesma instituição na qual Maximiano havia se formado bacharel em direito, ou seja, na Faculdade de Direito de Goiás. Por intermédio de sua formação jurídica advocatícia, a professora/advogada e intelectual, pôde ter visibilidade social em muitas dimensões e espaços nos quais desenvolveu ou participou

de algum tipo de atividade. Com o passar dos anos, tendo tido uma base educacional sólida inicialmente na Cidade de Goiás e seguindo seus estudos noutras localidades, Amália é reconhecida como intelectual (MARTINS, 2018).

Mulher de várias faces, como já ressaltado por Pereira e Oliveira (2017), Amália atuou em diversas frentes no meio em que viveu, ao longo do processo histórico, sendo pioneira em vários sentidos, e vez ou outra sua trajetória se entrelaçou com a história da antiga região norte, com a Cidade de Goiás e principalmente com a nova capital do estado de Goiás, Goiânia.

1.3 Amália Hermano Teixeira e sua atuação em Goiânia, a nova capital do estado

Como descrito nos tópicos anteriores, Amália percorreu um longo caminho desde Natividade, no antigo norte de Goiás, até Curalinho (GO), hoje Itaberaí (GO), de onde, posteriormente, seguiu para a Cidade de Goiás. Anos mais tarde, muda-se para a nova capital, Goiânia. E é sobre essa nova capital que discorreremos a partir desse ponto para entendermos o contexto de atuação de Amália.

Goiânia, a nova capital de Goiás, a qual Chaul (2009, p. 100) denomina de “[...] um pedaço de modernidade cravado no sertão de Goiás”, representou um espaço significativo na vida de Amália. Através de sua vida e obra, é possível compreender aspectos da nova capital de Goiás, considerando que a influência que o indivíduo exerce no processo histórico é algo relevante para a compreensão do período que o mesmo vivenciou e suas representações para a história, que podem revelar a conjuntura social e política vigente em um dado espaço e no contexto espacial-histórico, como bem salienta Carlos (2007).

Para a consolidação da nova capital do estado de Goiás, Pedro Ludovico lançou a pedra

fundamental pelo Decreto nº 3.929, de 21 de outubro de 1933, data escolhida para homenagear os três anos do início da Revolução de 1930. A partir daí, após quase uma década decorrida do

marco inicial, para se consolidar a nova capital no imaginário social, foi pensado um evento que lançasse Goiânia no cenário nacional, o Batismo Cultural da nova capital, em 1942.

Figura 5 – Amália no Baile do Batismo Cultural em 1942 no Palácio das Esmeraldas



Fonte: acervo particular de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

Legenda: ao centro, dona Gercina Borges Teixeira, primeira-dama do estado e as jovens e senhoras de então, destacando-se na linha de frente Rosarita Fleury, Julieta Caiado Fleury, Amália Hermano Teixeira (da direita para a esquerda ela é a terceira, de vestido escuro), Ninpha de Moraes Lobo, Maria Lucy Alencastro Veiga e muitas outras.

Segundo o Portal da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás (ALEGO) (2021), a sessão solene de inauguração reuniu governadores, intelectuais e ministros para discursos, entrega da chave da cidade ao primeiro-prefeito, Venerando de Freitas. Nessa época, a cidade tinha cerca de quase 10 mil habitantes e mais de 600 estrangeiros também vieram prestigiar o Batismo Cultural.

Foi nesse contexto que Amália chegou à Goiânia, mais precisamente no ano de 1937. Após o casamento, eles transferem sua residência para a nova capital, pois seu esposo foi nomeado pelo governador Pedro Ludovico Teixeira para assumir o cargo de secretário do governo.

Embora não tenha tido atuação no campo do Direito, Amália foi pioneira no curso de bacharel em Direito no estado de Goiás, onde se formou em 1945. Também é válido ressaltar a atuação dela, na década de 1960, como professora dos cursos de História e Geografia no magistério superior já na nova capital Goiânia (ARAÚJO; RODRIGUES; CATÃO, 2017, p. 45).

Na Figura 6, temos José Mauro de Vasconcelos,³ a segunda pessoa da esquerda para a

³ Ele nasceu em Bangu, no Rio de Janeiro em 1920, e faleceu em São Paulo, em 1984, aos 64 anos de idade. Foi um grande escritor, ator, sertanista, apaixonado pelo Rio Araguaia e pelos carajás.

direita, camisa branca de botão, no Bazar Oió⁴ em Goiânia, em 1966. Ele, o imortal autor do inesquecível livro *O meu pé de laranja lima*, grande sucesso editorial do Brasil, estava sempre em Goiânia em eventos culturais. Na foto

ainda estão seus amigos Bariani Ortêncio (que está de gravata logo atrás de Amália), Cora Coralina (de olhos fechados), José Ângelo Rizzo (ao fundo perto da estante de livros) e Leolídio Caiado (próximo à estante de livros).

Figura 6 – Bazar Oió Praça Anhanguera – Lançamento de livro do escritor José Mauro Vasconcelos (sem data)



Fonte: acervo de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

Nota: entramos em contato com Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado, com a União Brasileira de Escritores em Goiás e com a Editora Kelps de Goiânia para tentar identificar a primeira senhora da esquerda para direita e o jovem rapaz, primeiro da direita para esquerda, mas sem sucesso.

4 A história do Bazar Oió está fortemente ligada à cidade de Goiânia, pois quando a livraria foi inaugurada, a capital de Goiás tinha apenas 18 anos. A livraria possibilitava a divulgação cultural da região, uma vez que os frequentadores encontravam ali uma série de eventos culturais, como lançamentos de livros, exposições e debates.

Essa participação e representatividade na vida pública da nova capital do estado, enquanto mulher de destaque por via de sua atuação, pode ser inferida como altamente relacionadas com as novas configurações sociais de Goiânia como construto urbano que a modernidade viabilizou ter. Assim, devido à sua contribuição referente à história local com foco em Goiânia, e em Natividade (TO), algumas instituições homenagearam Amália, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Instituições receptoras do nome de Amália Hermano Teixeira

INSTITUIÇÃO	ENDEREÇO
Espaço Cultural Amália Hermano Teixeira	Rua 1, esq. c/a Av. Goiás, Setor Central, Goiânia (GO).
Colégio Estadual Amália Hermano Teixeira	Av. Márcio da Silva, s/n - Jardim Balneário Meia Ponte, Goiânia (GO), CEP: 74590-400.
Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira	Alameda Jardim Botânico, s/n, Setor Pedro Ludovico, Goiânia (GO), CEP: 74820-005.
Ruas	- Rua Amália Hermano - Chácaras Maria Dilce Goiânia (GO), CEP: 74594-122. - Rua Amália Hermano, Aragoiânia (GO), CEP: 75360-000. - Rua Amália Hermano, Residencial Barravento, Goiânia (GO), CEP: 74594-122. - Condomínio Edifício Amália Hermano - Rua 24, 67 - Setor Central, Goiânia (GO).
Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira	Av. dos Cruzeiros, Natividade (TO), 77370-000.

Fonte: elaborado pelos autores.

Segundo Martins (2018, p. 104), todo esse reconhecimento – em forma de instituições que receberam seu nome – se deu porque “Amália Hermano Teixeira [atuou] em muitas

[...] áreas”. A seguir, uma breve descrição das referidas instituições listadas no Quadro 1.

O Espaço Cultural Amália Hermano Teixeira (Figura 7) foi inaugurado em 2017. Esse es-

Figura 7 – Espaço Cultural Amália Hermano Teixeira



Fonte: Casag/OAB GOIÁS (2022).

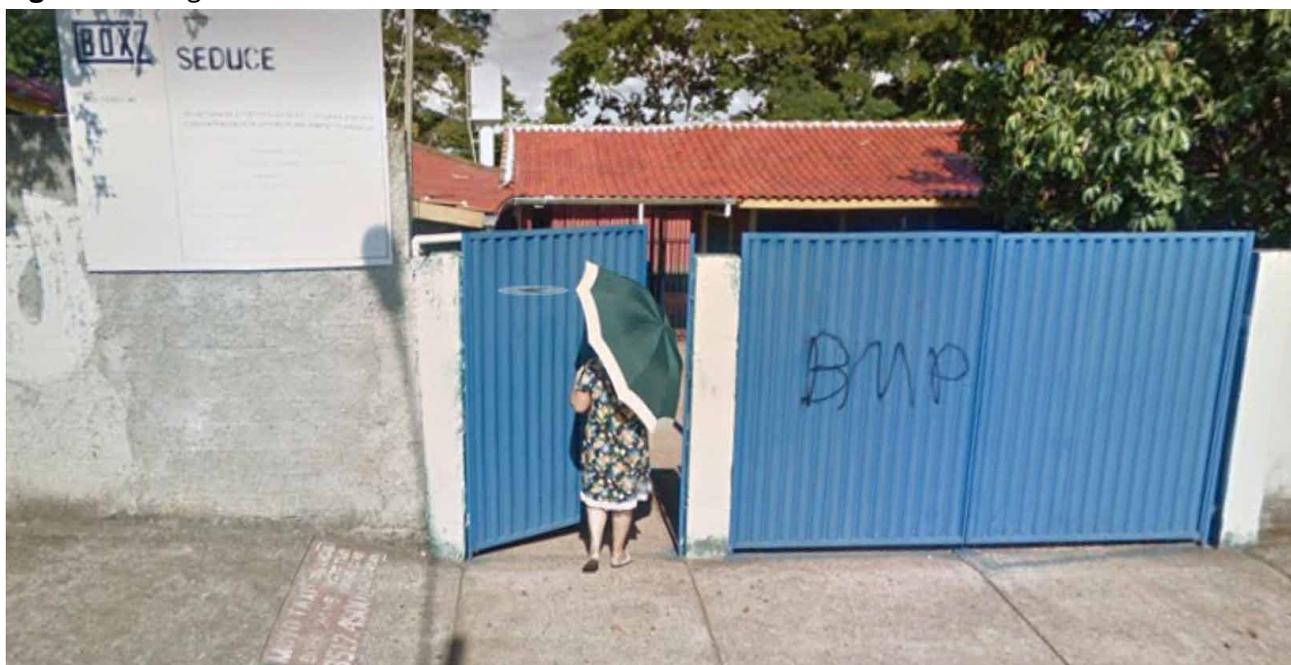
paço nasceu a partir da Caixa de Assistência dos Advogados de Goiás (Casag), que é uma instituição ligada à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-Goiás). No *site* da Casag, encontramos que:

O Espaço Cultural Amália Hermano Teixeira é um amplo e charmoso local de eventos localizado no 2º andar do edifício *Meu Escritório*, disponível para locação a toda a comunidade goianiense e, com preços especiais, aos advogados e advogadas do estado. O ambiente é refrigerado e tem capacidade para público entre 200 pessoas (sentadas) e 300 (em pé). (CASAG/

OAB GOIÁS, 2022, [1 p.], grifo do autor).

Em relação ao Colégio Estadual Amália Hermano Teixeira, apesar das pesquisas, não foi possível encontrarmos outras fotos mais detalhadas sobre o espaço. Segundo dados de 2009 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o colégio possui 13 salas sem climatização e outras instalações como biblioteca, laboratório de informática (seis computadores e um *notebook*), pátio coberto e outro descoberto e quadra de esportes descoberta.

Figura 8 – Colégio Estadual Amália Hermano Teixeira

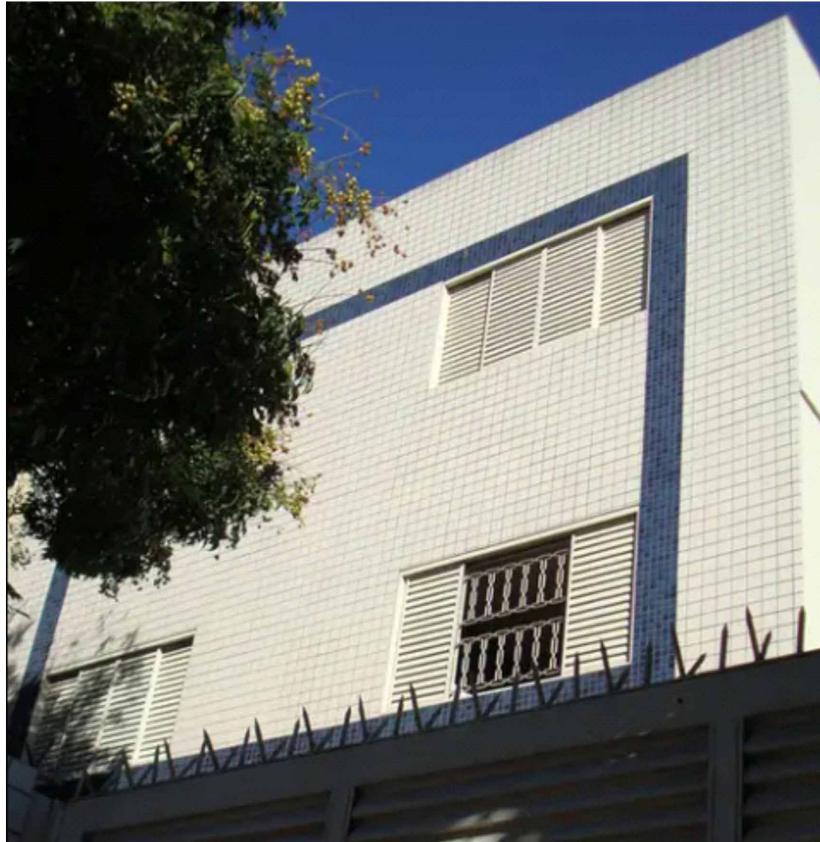


Fonte: Google Maps (2019).

A casa de Amália e Maximiano na Rua 24, centro de Goiânia, uma das primeiras construções na nova capital, é descrita como um espaço repleto de plantas diversificadas. A casa não existe mais. Seu terreno original deu espaço a um edifício. Mas, como enfatiza Borges R., (2011, [6 p.]) “a antiga casa, onde viveu por muitos anos com o marido Maximiano da Matta Teixeira e com centenas de vasos de flores, era um patrimônio histórico da cidade e seu tombamento teria preservado parte importante da memória de Goiânia”. Sabe-se através

das fontes estudadas que a família Hermano tinha o interesse de fazer da propriedade um museu, porém houve falta de incentivo público para a realização. Após sua morte – lembrando que ela era viúva – a família ficou “[...] a espera de uma mobilização pela compra do imóvel para se transformar numa casa de cultura e de pesquisa”, conforme relata Curado (2016, [19 p.]). Sem essa mobilização, “a casa acabou demolida para dar lugar a um prédio que leva o nome da antiga moradora” (CURADO, 2016, [19 p.]).

Figura 9 – Condomínio Edifício Amália Hermano construído no local de sua antiga casa



Fonte: 123i – Catálogos Goiânia (2022).

Em se tratando do Jardim Botânico de Goiânia, ele foi inaugurado em 1972. Conforme Rizzo (2011, [5 p.]), “[...] posteriormente, o parque passou a ter a denominação de Chico Mendes”. Anos depois, por força da Lei Municipal nº 7.800, de 5 de março de 1998, sancionada pelo então prefeito Nion Albernaz, o nome do Parque Florestal passou a ser Jardim Botânico

Amália Hermano Teixeira em reconhecimento aos trabalhos dessa ilustre intelectual goiana. No entanto, além de já ter o nome eternizado no local, o referido parque municipal inaugurou recentemente, em 1º de julho de 2022, um orquidário com homenagem à celebre intelectual, que ficou conhecida como escritora, professora, botânica, dentre outros títulos.

Figura 10 – Orquidário do Jardim Botânico de Goiânia



Fonte: Lima (2022).

De notável amante de orquídeas a grande protagonista no âmbito social, político e histórico da sociedade goianiense, a célebre escritora foi homenageada nos quatro cantos da grande capital goiana, nas demais regiões do estado de Goiás, e no Tocantins com a Casa

de Cultura Amália Hermano Teixeira, conforme Figuras 11 e 12 a seguir. Ela nasce a partir de “[...] um projeto do Governo de Tocantins” (MARTINS, 2018, p. 104). O local é um espaço tombado em Natividade (TO), cidade natal de Amália (IPHAN, 2022).

Figura 11 – Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira (foto antiga)



Fonte: Iphan (2022).

Figura 12 – Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira (foto recente)



Fonte: Iphan (2022).

Assim, Amália deixou na história sua marca como mulher de destaque nas novas configurações sociais de Goiânia. Ela, portanto, esteve presente em todos esses cenários culturais de Goiânia – uma cidade provinciana ou moderna ou pós-moderna (com menor ou maior protagonismo).

E, sendo professora, advogada, escritora e botânica, em suas várias faces, como observado por Pereira e Oliveira (2017, p. 01, 02), fica claro que Amália não estava somente presente nas mais diversas atividades culturais de Goiânia, mas era “[...] personalidade atuante em diversas áreas na região em que viveu”, pois é clara a “sua ligação [...] íntima com a cultura do Cerrado”.

Amália convivia e trabalhava com importantes nomes do meio político, acadêmico e artístico. Portanto, há de se considerar que ela fazia parte dessa elite social. Não se pode ignorar que “[...] em 1940 a população urbana da cidade era de 18.889 habitantes; destes, mais de 60% residiam no Bairro de Campinas [antiga cidade que se tornou bairro com a construção de Goiânia]” (OLIVEIRA, 1999, p. 48-49).

É importante mencionar algo sobre a Sociedade Pró-Arte e a I Exposição de Pintura, Escultura e Arquitetura de Goiás da qual Amália participou. Barbosa (2017, p. 118) entende que a criação da Sociedade Pró-Arte – movimento ocorrido após o Batismo Cultural de Goiânia – marca o início da “[...] arte moderna no Estado de Goiás”. Nunes esclarece que esse movimento cultural foi “[...] liderado pelo pianista alemão Érik Pipper, pelo arquiteto José A. Neddemayer e pela professora Amália Hermano, que originou a Sociedade Pró-Arte” (NUNES, 2001, p. 117). Assim, Amália destaca-se mais uma vez como sendo uma das responsáveis por um marco na cultura de Goiás. A partir de então, a Sociedade Pró-Arte seguiu “[...] congregando artistas e intelec-

tuais que organizavam exposições de artes, reuniões de literatura e promoções musicais” (NUNES, 2001, p. 117).

Embora os acontecimentos narrados até fossem significativos para a compreensão da cultura de Goiânia, segundo Oliveira (1999), ainda estava por acontecer algo que seria o divisor de águas em termos culturais da cidade. E ocorreu, como se segue:

O maior acontecimento do mundo das artes em Goiânia ocorreu na década de 50, com a realização do I Congresso Brasileiro de Intelectuais, nos dias 14 a 21 de fevereiro de 1954. Deste o Batismo Cultural em 1942, nunca se viu tanta gente ilustre pelas ruas da Capital – estrangeiros como o chileno Pablo Neruda, o português Fernando Corrêa Silva, o haitiano René Depestre, e brasileiros, como Jorge Amado, Hector Flores, Ascenso Ferreira, Estelinha Egg, Maria Della Costa, etc. O congresso tinha característica eclética, em termos artísticos: literatura, teatro, música foram temas discutidos em palestras informais no Liceu até o entardecer, valendo-se ressaltar que esse congresso, em especial, não foi promovido por nenhuma iniciativa governamental (OLIVEIRA, 1999, p. 100).

Amália Hermano Teixeira foi quem presidiu a Comissão Social desse tão importante evento, o I Congresso Nacional de Intelectuais, realizado em Goiânia. Apesar dos bons resultados do referido congresso, foi “[...] somente a partir dos anos 60 [que] a cidade contaria com instituições culturais de dimensões metropolitanas” (OLIVEIRA, 1999, p. 101), dando destaque para as universidades. Assim:

Em 1959, criou-se a Universidade de Goiás, mantida pela Igreja Católica, com a junção das faculdades de Direito, Filosofia e Serviço Social. Em 1960, fundou-se a Universidade Federal de Goiás, com cinco faculdades: Direito, Farmácia e Odontologia, Engenharia, Medicina e Conservatório de Música, ocasião em que Goiânia se tornou ‘um centro universitário ativo e o mais importante, depois de Brasília, da região centro-oeste (...)’ (Sabino Júnior, 1980:101). (OLIVEIRA, 1999, p. 101).

E mais uma vez a intelectual destacou-se, dessa vez na academia, pois não se pode esquecer que Amália foi professora de História na UFG entre os anos de 1962 e 1964 (ARAÚJO, RODRIGUES, CATÃO, 2017, p. 45), onde teve uma brilhante atuação, segundo os referidos autores.

Outro ponto de destaque são os clubes agrícolas que, apesar de serem uma proposta moderna em Goiás, e nas próprias palavras de Amália “uma moderna orientação do ensino da ciência da terra [...]”, eles seguem uma visão ecológica, ou seja, “[...] de proteção à natureza” (TEIXEIRA, 1993, p. 3). Curado em entrevista a Martins (2018, p. 146) reafirma tal proposição ao revelar que “[...] o discurso de Amália Hermano quanto ao amor à terra, ao campo não é um discurso inócuo”. Portanto, faz-se necessário pontuar que a Escola Normal Oficial dirigida por Amália era um clube agrícola goiano que detinha um discurso ruralista (MARTINS, 2018, p. 20).

Em resumo, com base em seus escritos e nas referências a ela como uma defensora das ideias ruralistas e da natureza, e considerando toda sua trajetória, com presença constante em inúmeros congressos e como autora de vários artigos e livros, cuja temática predominante era o Cerrado, podemos concordar com Araújo, Rodrigues e Catão (2017), quando dizem que ela foi, sem dúvida, uma figura importante para a história goiana.

Considerações finais

Os resultados revelam que Amália Hermano Teixeira deixa, com toda sua trajetória de vida artística-cultural, uma obra viva. Como ficou demonstrado ao longo desta investigação, diversos estudiosos veem seu legado como importante para compreensão histórica de Goiás, pois é uma narrativa de si articulada em pensamentos, reflexões e ações com o lugar, com o

meio e com o seu contexto. Em seus múltiplos papéis, ou faces, havia em Amália algo que direcionava seus atos, pois foi uma mulher plural, além do seu tempo, mas ao mesmo tempo singular. Ela estava ligada ao Cerrado, sua terra e sua gente.

Suas ações, escritos e discursos estavam alinhados com seus pares, no que se pode chamar de um projeto coletivo, com temas que envolviam sempre o Cerrado, a natureza, o ruralismo e a educação. E, além disso, se destacando como defensora da agricultura – não de modo geral –, mas claramente um projeto fundamental ligado às questões pedagógicas, aspecto notório quanto esteve na chefia do Serviço de Clubes Agrícolas de Goiás, por exemplo.

Como demonstrado nesta pesquisa, as várias facetas da vida de Amália Hermano Teixeira – como sendo uma mulher bem-entrosada com pessoas importantes, uma mulher que estudou em instituições de destaque, a mulher que atuou em campos de saber (educação) onde obteve grande prestígio – podem ser percebidas a partir da ótica do conceito de Bourdieu (1989) apresentado na introdução.

O primeiro, capital social, é constituído por dois elementos: primeiro, as redes de relações sociais e suas redes intrínsecas que permitem o acesso a determinados recursos; segundo, diz respeito não só à quantidade, mas à qualidade dos recursos do grupo. Assim, o alinhamento de Amália com os pares estão, por um lado, em “ligação estreita com uma rede durável de relações institucionalizadas de reconhecimento e de inter-reconhecimento mútuo” (BOURDIEU, 1989, p. 41), representando aqui o primeiro elemento; e, por outro, em dependência, falando-se do “volume de capital social de um agente individual, da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar” (BOURDIEU, 1989, p. 41), representando aqui o segundo elemento.

Referência

- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS (ALEGO). **O Batismo Cultural de Goiânia ou a “inauguração oficial” da capital de Goiás é o marco registrado na série “Nossa história”**. 2021. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/120589/o-batismo-cultural-de-goiania-ou-a-inauguracao-oficial-da-capital-de-goias-e-o-marco-registrado-na-serie-nossa-historia>. Acesso em: 26 jan. 2023.
- ARAÚJO, Jaqueline Veloso Portela de; RODRIGUES, Anderson de Brito; CATÃO, Alvinan Magno Lopes. Amália Hermano Teixeira (1961-1991). In: VALDEZ, Diana. **Dicionário de educadores em Goiás: séculos XVIII-XXI**. Goiânia: Imprensa Universitária, 2017, p. 45-48.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 73-79 (3. ed., 2001).
- BORGES, Rogério. Amália Hermano. **O Popular**, s/p, 27 mar. 2018. Disponível em: <https://opopular.com.br/noticias/80-anos/am%C3%A1lia-hermano-1.1490320>. Acesso em: 13 out. 2022.
- BORGES, Rogério. Legado redescoberto. **O Popular**, 6 p., 25 mai. 2011. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/noticias/magazine/legado-redescoberto-1.4135>. Acesso em: 8 jun. 2021.
- BRASIL. Trajetória de luta pela criação do Tocantins. Tocantins, Governo do Estado. Secretaria da Cultura e Turismo. [2022?]. Disponível em: <https://www.to.gov.br/sector/j-trajetoria-de-luta-pela-criacao-do-tocantins/5za77iw36s5a>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- CAIXA DE ASSISTÊNCIA DOS ADVOGADOS DE GOIÁS (CASAG/OAB GOIÁS). **Espaço Cultural Amália Hermano Teixeira**. 1 p., 2022. Disponível em: <https://www.casag.org.br/servicos/espaco-cultural-amalia-hermano-teixeira/>. Acesso em: 1 ago. 2022.
- CARAUTA, J.P.P. **Amália Hermano Teixeira**: Crônica. 1991. Disponível em: <http://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/pdfs/albertoa-v-3-n-8-amalia-hermano-teixeira>. Acesso em: 4 ago. 2022.
- CARLOS, Ana Alessandri Fani. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CAVALCANTE, Maria do Espírito Rosa. **O discurso autonomista do Tocantins**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CHAUL, Nasr Fayad. Goiânia: a capital do sertão. **Revista UFG**, v. 11, n. 6, 2009.
- CURADO, Bento Alves Araujo Jaime Fleury. O centenário e a vida em flor de Amália Hermano. **Jornal Diário da Manhã**, Goiânia, [19 p.], 28 dez. 2016a. Disponível em: <https://www.dm.com.br/opiniao/2016/12/o-centenario-e-vida-em-flor-de-amalia-hermano/>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- ÉLIS, Bernardo. **O Tronco**: Romance. 6. Ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1979.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Monumentos e Espaços Tombados – Natividade (TO)**. 1 p. 2022. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1218/>. Acesso em: 5 jun. 23.
- LIMA, Gabriela. **Jardim Botânico de Goiânia inaugura orquidário com homenagem a Amália Hermano Teixeira** - O Popular Disponível em: <https://opopular.com.br/noticias/magazine/jardim-bot%C3%A2nico-de-goia%C3%A2nia-inaugura-orquid%C3%A1rio-com-homenagem-a-am%C3%A1lia-hermano-teixeira-1.2483656>. Acesso em: 1 ago. 2022.
- MARTINS, Luciana da Silva. **A participação da intelectual Amália Hermano Teixeira no movimento escolanovista em Goiás – 1937 a 1963**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4011>. Acesso em: 8 jun. 2021.
- MESSIAS, Noeci Carvalho. **Religiosidade e devoção: as festas do divino e do rosário em Monte do Carmo e em Natividade**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Tese_Noeci_Carvalho_Messias.pdf.

Acesso em: 11 jun. 2023.

NUNES, Jordão Horta. O pioneiro Sílvio Berto: fotografia e sociabilidade. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 107-143, jan./jul. 2001. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/2234/2992>. Acesso em: 7 ago. 2022.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. **Imagens e mudança cultural em Goiânia**. 1999. 242 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias). Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 1999.

PALACIN, Luís, MORAES, Maria Augusta Sant'anna. **História de Goiás (1722-1972)**. 5ª ed. Goiânia: Ed. da UCG, 1989.

PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de S. História de Goiás. **UCG Goiânia/Goiás-Brasil**, 1994.

PEREIRA, M. P.; OLIVEIRA, M. F. As faces de Amália. *In*: Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH, 3. **Anais [...]**. SEPE, ética, política e educação no Brasil contemporâneo. 6 a 9 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/sepe/article/view/8885>. Acesso em: 2 ago. 2022.

RIZZO, José Ângelo. **Jardim Botânico de Goiânia**: histórico e importância. 5 p. 2011. Disponível em: <https://www.uc.ufg.br/n/29364-jardim-botanico-de-goiania-historico-e-importancia>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SILVA, Elen Glauciene. **Chacina do Duro**: do evento à representação dos acontecimentos. 2017. 185 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7744>. Acesso em: 19 jul. 2022.

TAMASO, Izabela. Festas e procissões da cidade de Goiás: O patrimônio em movimento. **Anais [...]**. Simpósio Nacional de História-ANPUH, 26. São Paulo, p. 1-17, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308174025_ARQUIVO_Tamasso_ANPUH_2011_TextoCompleto.pdf. Acesso em: 25 jul. 2022.

TEIXEIRA, Amália Hermano. **Reencontro**. Goiânia: Líder, 1981.

TEIXEIRA, Amália Hermano. **Perfis**: pessoas que marcaram minha vida. Goiânia: Luzes, 1993.

VIEIRA, Martha Victor. O movimento separatista do Norte Goiano (1821-1823): Desconstruindo o discurso fundador da formação Territorial do Estado do Tocantins. **Revista Sapiência**: sociedade, saberes e práticas educacionais, p. 63-84, 2014.

Recebido em: 11/02/2023

Revisado em: 05/06/2023

Aprovado em: 07/06/2023

Publicado em: 30/06/2023

Rita Castorina Gonçalves Gundim Lemes é mestre em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPG-TECCER) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). *E-mail*: rita.gundim@hotmail.com

Maria de Fátima Oliveira é pós-doutorada em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora/pesquisadora na Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CCSEH) – Nelson de Abreu; membro dos Grupos de Pesquisa: Saberes, Cultura e Meio Ambiente e Saberes, Expressões Culturais e Estéticas no Cerrado. *E-mail*: proffatima@hotmail.com

Júlio Cezar Milhomens Pereira é mestre em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPG-TECCER) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). *E-mail*: julio_milhomens@hotmail.com